

CAPÍTULO 3

A RAÇA E A NAÇÃO NA POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA RACE AND NATION IN JOSÉ CRAVEIRINHA'S POETRY

Carla Maria Ataíde Maciel
Universidade Pedagógica de Maputo

RESUMO

Neste texto, baseando-me em relatos da minha experiência escolar, defendo que as leituras feitas no ensino secundário sobre a poesia de Craveirinha, à luz dos movimentos Pan-africano e da Negritude, limitavam o entendimento da riqueza da sua obra. Nesta sequência, e socorrendo-me de afirmações do poeta em diversas entrevistas, partilho as minhas interpretações mais recentes de alguns poemas de **Xigubo**, centrando-me em dois elementos: a raça e a nação. No que se refere à raça, concluí que, mais do que a exploração e a dor dos negros, Craveirinha grita a revolta de todos os homens explorados pelas elites dominantes. Concluí também que, no conjunto da sua obra, Craveirinha glorifica a nação moçambicana, mas a apoteose dessa exaltação resulta do confronto da sua nação com o mundo global.

Palavras-chave: Craveirinha; **Xigubo**; raça; nação; mundo.

ABSTRACT

In this paper, based on accounts of my school experience, I argue that the interpretations made in secondary education about Craveirinha's poetry, in the light of the Pan-African and Negritude movements, limited the understanding of the richness of his work. In this sequence, and drawing on the writer's statements in several interviews, I share my most recent readings of some of **Xigubo**'s poems, focusing on two elements: race and nation. In relation to race, I concluded that, more than the exploitation and pain of blacks, Craveirinha screams the pain of all men exploited by the ruling elites. I also concluded that, in his poetry, Craveirinha glorifies the Mozambican nation, but the apotheosis of this exaltation results from the confrontation of this nation with the global world.

Keywords: Craveirinha; **Xigubo**; race; nation; world.

INTRODUÇÃO: AS MINHAS PRIMEIRAS LEITURAS DE POEMAS DE CRAVEIRINHA

JL – O que é isso que o encanta na poesia?

JC – O jogo. O jogo. O jogo de palavras. Toda aquela busca constante que é precisamente o género “poesia”.

*(José Craveirinha, em entrevista ao **Jornal de Letras**, 1991)*

Ouvi, pela primeira vez, o nome e um poema de José Craveirinha, quando tinha uns 9 anos, em 1977 e, numa sessão de atividades culturais que juntava todos os alunos da minha escola, assisti A uma menina da 4.^a classe a declamar, de forma muito emotiva, o poema “Grito negro”. Eu não compreendi bem o poema, mas percebi que havia ali um brado de revolta contra a exploração, um grito que ficou a ressoar dentro de mim, e que eu pensei ser o grito do “Homem Negro”. Com efeito, naqueles tempos de revolução intensa, as crianças ouviam, constantemente, narrativas do passado colonial e, entre estas, eram frequentes as histórias da escravidão, exploração e maus-tratos dos negros no *Chibalo* (trabalho forçado), tanto nas minas como nas plantações das companhias majestáticas que operaram em Moçambique. Porém, lembro-me de ter ficado a pensar muito na palavra “carvão”, e de ter ficado a pensar quem seria esse Homem Negro... Seria apenas o moçambicano negro, trabalhador das minas de carvão? Seria o moçambicano negro das plantações? Como interpretar aquela metáfora?

Naquela altura, os adultos diziam-nos que todos nós, meninos negros, mulatos, indianos e brancos éramos iguais e ensinavam-nos a repetir, em coro, o grito “Abaixo

o racismo!”. Na escola, essa mensagem antirracista era reforçada pelos professores que nos diziam que todos os cidadãos moçambicanos deviam ter os mesmos direitos e deveres. O próprio ambiente escolar era, naquele tempo, muito multirracial, multicultural e inclusivo, pois havia crianças moçambicanas das mais variadas etnias, regiões e estratos sociais, mas também várias crianças estrangeiras, filhas e filhos dos então chamados internacionalistas búlgaros, russos, húngaros, alemães (da antiga República Democrática Alemã), filhos e filhas de refugiados chilenos no país, e também, algumas crianças filhas de cidadãos cabo-verdianos e de cidadãos sul-africanos, militantes do ANC. Todos estudávamos e brincávamos juntos e a cor da pele não representava para nós um problema. Por isso, aquele poema, emotivamente declamado, soava como um grito de revolta na minha memória, mas uma revolta que não me parecia apenas restrita a um grupo de homens moçambicanos de raça negra. Afinal de contas, a minha mãe, que emigrara de Goa para Moçambique, também me contava histórias da expropriação do arroz aos agricultores indianos no período da Grande Guerra. Na escola e no meu prédio, eu brincava com meninos chilenos, filhos de refugiados do regime de *Pinochet*, e já percebia que havia muito sofrimento naquele país, uma opressão que impedia os meus amigos de voltarem a ver as suas avós, primos e tios.

Para mim, aos 9 anos, era muito mais fácil entender o poema “Fábula,” que raramente era declamado ou ouvido na escola, mas que eu lia, quase todos os dias, num cartaz amarelo ilustrado, colado na montra de uma papelaria por onde passava a caminho da escola, e que me transmitia uma mensagem de comunhão que, todos os dias, naquele tempo de grande carência, era praticada quotidianamente por nós, meninos da escola, que partilhávamos os lápis de cor, as borrachas, os tubos de cola, os afiadores, as folhas A4 para o desenho, os livros escolares e até mesmo os gomos de tangerina ou os amendoins que tínhamos para o lanche. Dizia assim:

Fábula

Menino gordo comprou um balão

e assoprou

assoprou com força o balão amarelo

Menino gordo assoprou

assoprou

assoprou

o balão inchou

inchou

e rebentou!

*Meninos magros apanharam os restos
e fizeram balõeszinhos.
(CRAVEIRINHA, 1982, p. 18)*

Em 1977, nenhum de nós tinha facilmente balões, salvo raras exceções em que estes eram distribuídos na escola pelo Dia 1 de junho, Dia Internacional da Criança, mas eu podia facilmente imaginar-me a fazer balõeszinhos de um grande balão rebentado. Na verdade, alguns meninos estrangeiros traziam algumas vezes balões para a escola e, então, brincávamos todos juntos e, quando o balão rebentava, todos nós apanhávamos os restos da borracha e fazíamos balõeszinhos. O jogo de palavras daquele poema retratava, portanto, a nossa realidade: o poema se fazia vida e a vida ficava poema.

Ao longo da minha escola primária, e mesmo no ensino secundário, ouvi outras dezenas de declamações do poema “Grito negro” e sempre ficava para mim aquela interrogação sobre a identidade do carvão. Quem era, afinal, aquele carvão? Qual era o verdadeiro significado daquela palavra? No final da escola secundária, em meados dos anos 1980, na 11.^a classe, quando estudámos, nas aulas de língua portuguesa, os movimentos do Pan-africanismo e da Negritude, e o seu impacto no clima de contestação na África e em Moçambique, em particular, pude enquadrar e compreender melhor a poesia de Craveirinha, e o tão declamado poema “Grito Negro,” num contexto sócio-histórico e ideológico específico que, Goenha sistematiza, nas seguintes linhas:

*É assim que nos poemas de Noémia de Sousa surge e se desenvolve a temática da africanidade e do desejo angustiante de emancipação do africano. Noémia vai alimentar uma poesia militante, com tendência nacionalista, entretanto, é em José Craveirinha que a ideia da nação aparece definida de forma clara.
(Goenha, 2021, p. 44)*

Nessa altura, em 1986, Craveirinha era-nos apresentado como um dos poetas da geração interventiva da revista **Itinerário** e do jornal **O Brado Africano** que, entre outros poetas da sua geração, como Noémia de Sousa (Vera Micaia), Marcelino dos Santos (Kalungano), Rui Knopfli e Rui Nogar usaram a poesia de forma interventiva, como arma ideológica e política contra a opressão colonial e exaltação da africanidade, quer dizer, dos valores da cultura local africana e simultânea oposição aos valores da civilização ocidental, ou melhor, resistência à imposição desses valores aos africanos. A esse propósito, importa citar uma das pioneiras do estudo da literatura moçambicana e, especificamente, da poesia de José Craveirinha, que afirma:

*Conjuntamente com Noémia de Sousa, surge no jornal **O Brado Africano** um poeta cuja escrita, antecipando-se no tempo, captando e prevendo gera*

um universo próximo da profecia. Poeta/ Profeta da identidade nacional José Craveirinha, talvez o mais divulgado de todos os poetas moçambicanos, torna-se voz do mundo suburbano. (MENDONÇA, 1988, p. 23)

Essa descrição é reforçada por António Loja Neves, num artigo jornalístico “Prémio Camões 91 Um Poeta do Índico” que observa:

Craveirinha, Noémia e Filipe de Noronha constituíram os expoentes de uma geração que começa a voltar-se para as coisas de África, para a condição de ser africano, para os valores da terra e dos povos moçambicanos. (NEVES, 1991b, p. 34)

Também Noa (2020, p. 91) refere que a geração de jovens moçambicanos do **Itinerário**, que se publicava em Lourenço Marques na década de 1940, entre os quais se destaca o nome de Craveirinha, produzia uma poesia que se “debruçava sobre questões ligadas à realidade sociopolítica vivida em Moçambique num tom de revolta contra o colonialismo, de denúncia das arbitrariedades e injustiças geradas pela dominação”. Eram essas as questões enfatizadas na escola. Nesse contexto, liamos alguns poemas selecionados dos livros **Xigubo**, **Cela I** e de **Karingana ua karingana**, sobretudo para compreendermos os gritos de revolta neles expressos, as figuras-tipo representadas pelo mineiro e a prostituta, identificarmos e interpretarmos algumas das figuras de estilo presentes nos textos e, sobretudo, identificarmos marcas da afirmação cultural da moçambicanidade. Fazíamos, portanto, leituras muito orientadas que, muito embora possam ter sido perfeitamente justificadas no contexto de construção da nossa identidade moçambicana, também nos inibiram, penso eu agora, de descobrir outras riquezas possíveis de encontrar, como as “temáticas universais, ou e natureza mais subjetiva e existencial”, presentes nos textos do autor, como bem observa Noa (2020).

Na minha experiência pessoal, essas leituras só vieram a emergir alguns anos tarde mais, entre 1989-1991, quando, no Curso de licenciatura em Ensino de Português no antigo Instituto Superior Pedagógico, em disciplinas de Teoria da Literatura e de Análise Literária, aprendi que um texto literário era passível de múltiplas interpretações e fui estimulada a explorar outros possíveis significados dos poemas do autor, vencedor do Prémio Camões 1991.

Neste texto, tendo por base alguns factos da vida e declarações de José Craveirinha em entrevistas concedidas a vários jornais por ocasião do Prémio Camões, vou partilhar as minhas leituras mais recentes de alguns poemas de **Xigubo**, o primeiro livro publicado pelo autor em 1964, que reúne poemas nos finais dos anos 1950, centrando-me em dois elementos que considero essenciais: a raça e a nação.

A RAÇA E A NAÇÃO NA POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA

Iniciando pelo elemento “raça”, começo por citar o artigo “Craveirinha, ponta-de-lança” de Afonso Praça, onde se lê que o Prémio Camões/1991 nasceu em 28 de maio de 1922, no bairro da Mafalala da antiga cidade de Lourenço Marques (atual Maputo), filho de um pai algarvio de Aljezur, e de uma mãe ronga, que morreu quando ele tinha apenas 6 anos. Conforme confessou na entrevista a Afonso Praça, Craveirinha guardava do pai uma recordação: “Meu pai escrevia, falava muito em poesia, recitava”. Foi, portanto, por orientação do pai que Craveirinha, ainda criança de 11 anos, leu textos de Vitor Hugo, Zola, Antero, Junqueiro, Camilo e Eça de Queirós. A escola e o liceu colonial da altura terão reforçado essa influência literária dos cânones do Neorealismo português. Como se pode aprender, no artigo de Afonso Praça, sem meios económicos, José Craveirinha não pode estudar no liceu, mas acompanhou os estudos do seu irmão mais velho, António Craveirinha, estudando as mesmas matérias. No entanto, como já referi anteriormente, Craveirinha foi também influenciado pelos movimentos do Pan-africanismo e da Negritude, que surgiram fora da África, nos anos 1930, nos EUA e França, respetivamente, e que, entre os ideais humanistas de justiça e igualdade de direitos, reivindicavam “a ideia de pertença à raça negra” (GOENHA, 2021, p. 42). O poema “Grito negro”, antes aludido, expressa esse grito de revolta do homem negro explorado, igualado ao carvão, que dá toda a força da sua conflagração ao patrão. Se lermos apenas este poema, podemos compreender que o grito verte a revolta do homem negro. Porém, quando avançamos na leitura de **Xigubo**, encontramos o poema “Ode a uma carga perdida num barco incendiado chamado Save”, onde, no verso a seguir transcrito, encontramos a descrição da carga, assim feita:

*Eram filhos e irmãos
negros brancos chineses e mulatos
noivos e jogadores de futebol
todos quase soldados
com fotografias tipo passe numeradas
casacos de caqui e botões amarelos
olhos sem perguntas metafísicas
bocas sem dialécticas
cantores de “rock’n roll”
todos belos da juventude absurda
com que juntos partiram quase homens
para um brusco destino de búzios
vestidos com a mesma inclemente
púrpura do cio das munições
(CRAVEIRINHA, 1980, p. 26).*

Como se pode ler, a carga era constituída por homens, “filhos e irmãos”, quer dizer, homens que tinham ligações consanguíneas e humanas com outros homens e mulheres. A carga incluía homens negros, mas também por homens brancos, homens chineses e homens mulatos. Todos eles eram carga. Nos versos finais do mesmo poema, lemos:

*Mas
rostos brancos
escuros e morenos
cabelos crespos e lisos
ficaram no mesmo dia terrível do navio encalhado
da mesma cor mitológica das papoilas
e da exacta dimensão integral
da mesma morte saciada
na carga de soldados irmanizados
no porão infernal do barco incendiado
(CRAVEIRINHA, 1980, p. 30).*

Por outras palavras, homens de diferentes raças ou cores ficaram, no momento da morte, de uma única cor, a cor das papoilas, a cor do sangue que corre por debaixo das peles de diferentes cores. Aqui, o sujeito poético enfatiza a irrelevância da cor da pele no fim da vida, porque, o que mais importa, é a dimensão humana. Em suma, mais do que a exploração e a dor dos negros, Craveirinha grita a revolta de todos os homens explorados pelas elites dominantes.

Para explorar o elemento “Nação”, começo por recorrer a Mendonça (1988, p. 73) que afirma que José Craveirinha é o primeiro escritor moçambicano a apresentar o espaço geográfico moçambicano em termos de nação. Ao ilustrar essa afirmação, a estudiosa usa o poema “Chamamento” de **Xigubo**, onde se lê:

*chamei-te
e como bêbado de futuro
em plena rua da cidade ocupada
a minha voz rasgou o duro segredo dos muros de concreto
rebentou o ar sofisticado das urbes
invadiu as plantações de chá
correu em rajada os campos de sisal
encheu de lés-a-lés as terras do tabaco
e com a minha transpiração de sangue
tingiu de cor nova os algodoads sem fim.
(CRAVEIRINHA, 1980, p. 58).*

Concordo com a leitura sugerida por Mendonça, mas parece-me que Craveirinha, no referido poema, e em outros constantes em **Xigubo**, não se afirma apenas como cidadão da nação moçambicana, mas sim, e sobretudo, como cidadão do mundo. Note-se que o poema “Chamamento” termina com a estrofe:

*E para lá da minha própria mudez
a grande voz cobriu a nossa vergonha de homens
movendo-se à superfície do mundo
mas chamando:
-Sekeleka Irmão!
(CRAVEIRINHA, 1980, p. 58).*

Por outras palavras, há uma grande voz, uma voz de revolta que se move “à superfície do mundo,” chamando os homens irmãos, todos eles, à revolta. A voz não chega apenas aos ouvidos dos moçambicanos; ela transpõe o espaço nacional para o mundo inteiro. Importante também é notar que o eu poético se afirma como “bêbado de futuro,” pelo que a irmandade de todos os homens é colocada num plano de futuro. A mesma visão de futuro e de nação-mundo, pode ser encontrada no “Poema do futuro cidadão,” onde se lê:

*Vim de qualquer parte
de uma Nação que ainda não existe.
Vim e estou aqui!*

*Não nasci apenas eu
Nem tu nem nenhum outro ...
mas Irmão.
(...)
Ah! Tenho meu Amor a todos para dar
do que sou.
Eu!
Homem qualquer
cidadão de uma Nação que ainda não existe.
(CRAVEIRINHA, 1980, p. 18).*

Como é sabido, a cidadania estabelece-se nas relações entre o “eu” e “os outros”; entre o indivíduo e um conjunto de instituições. No entanto, o sujeito poético desse texto quebra qualquer fronteira de diferenciação e separação entre “eu”, “tu” e “ou-

tros”. Ele não nasceu “eu”, não nasceu “tu”, não nasceu “outro”. Ele nasceu “Irmão” de todos os homens, um “homem qualquer” com “amor para dar às mãos-cheias”, amor bastante para dar a todos os homens. O seu amor é que o preenche, humaniza e justifica a sua existência. A sua existência não se confina a uma Nação geográfica e politicamente delimitada, porque tal Nação, é uma Nação do futuro que “ainda não existe”. A sua cidadania é, portanto, global; não está confinada a qualquer local, mas também não pertence ao presente, só poderá existir no futuro. Craveirinha parece, pois, visonar nesse poema a existência de um futuro onde os cidadãos são, antes de tudo, cidadãos do mundo; cidadãos da globalização. Assim, “os outros” surgem na poesia de Craveirinha no contexto de uma relação com a Humanidade. Aliás, em 1991, na entrevista concedida a António Loja Neves do jornal português **Expresso**, Craveirinha exprime um sentimento coerente com esta leitura da sua poesia, sublinhando: “Nós não somos um universo confinado ao próprio umbigo, somos seres humanos, e, se sentimos que o ser humano tem importância, é necessário dar importância aos outros” (NEVES, 1991a, p. 37).

Assim, Craveirinha não se limita a exaltar os valores da pátria moçambicana – ele exalta Moçambique na sua relação de pertença ao mundo. No poema “Manifesto,” por exemplo, encontramos também a ideia de pertença a um mundo globalizado, no verso “e minhas maravilhosas mãos escuras raízes do cosmos”. Portanto, as mãos que fazem, que recebem e que dão, que transformam vêm do cosmos, constituem as raízes, a origem do mundo. No mesmo poema, podemos ainda ler:

*Oh! E o meu peito da tonalidade mais bela do bréu
e no imbondeiro da nossa inaudita esperança gravado
o tótem mais invencível tótem do Mundo
a minha voz estentórea de homem do Tanganhica
do Congo, Angola, Moçambique e Senegal
(CRAVEIRINHA, 1980, p. 34).*

Como se pode perceber, o sujeito poético enaltece a existência de um “tótem do Mundo,” ou seja, um símbolo sagrado representando não apenas a coletividade de uma família, linhagem, clã, ou tribo, mas sim de uma coletividade mundial que, dada a sua grandeza e inclusão, se torna invencível, impossível de derrubar. Essa força invencível é, depois, exaltada e, também, apresentada através da descrição mais pormenorizada de um “Eu” que se identifica com vários símbolos valorizados, respeitados e tidos como protetores em diversos contextos africanos:

*Ah! Outra vez eu chefe zulo
eu azagaia banto
eu lançador de malefícios contra as insaciáveis
pragas de gafanhotos invasores*

*Eu tambor,
 Eu suruma
 Eu negro suaili
 Eu Tchaca
 Eu Mahazul e Dingana
 Eu Zichacha na confiança dos ossinhos mágicos do tintlholo
 Eu insubordinada árvore da Munhuana
 Eu tocador de presságios nas teclas das timbilas chopes
 Eu caçador de leopardos traiçoeiros
 Eu xiguiilo no batuque
 E nas fronteiras de água do Rovuma ao Incomáti
 Eu-cidadão dos espíritos das luas
 carregadas de anátemas de Moçambique
 (CRAVEIRINHA, 1980, p. 35).*

De outro modo, as várias plantas, objetos, pessoas cultuadas como símbolos de força e proteção em diversos contextos africanos só ganham força invencível se, todos juntos, simbolizarem um totem do mundo, mais geral, mais inclusivo e, portanto, muito mais poderoso. Há aqui uma exaltação de crenças moçambicanas e africanas, mas esse enaltecimento é feito no contexto de um engrandecimento de uma crença global. Essa associação parte-todo, ou melhor, pátria-mundo, é também expressa por Craveirinha, na entrevista a António Loja Neves (1991a), onde declara:

(...) é bonito ser coerente. Coerente consigo próprio, com as suas convicções, com tudo aquilo em que se acredita seriamente. Não só em relação à sua terra, à sua pátria, pois esta não é uma coisa dissociada do resto do mundo; para sentirmos alguma coisa em relação à nossa pátria temos inexoravelmente de sentir alguma coisa em relação à pátria dos outros – o que é melhor, o que é pior, o que é bom. Senão não poderemos dar valor às coisas.

E é com essa noção do Mundo que Craveirinha enaltece a pátria moçambicana, no poema “Hino à minha terra,” do qual transcrevo apenas alguns versos da segunda estrofe:

*E grito Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!
 E torno a gritar Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!
 E outros nomes da minha terra
 Afluem doces e altivos na memória filial*

*e na exacta pronúncia desnudo-lhes a beleza.
Chulamáti! Manhoca! Chinhambanine!
Morrumbala, Namaponda e Namarroi
E o vento a agitar sensualmente as folhas dos canhoeiros
eu grito Angoche, Marrupa, Michafutene e Zóbuè
e apanho as sementes de cutlho e a raíz da txumbula
e mergulho as mãos na terra fresca de Zitundo.
(CRAVEIRINHA, 1980, p. 21-22).*

Como observa Noa (2020, p. 197-98), esse poema, “expressão superior da nomeação como pronunciamento identitário, cultural e coletivo” oferece uma sequência de nomes da toponímia local (Inhamússua, Mutamba, Massangulo, Chulamáti, Manhoca, Chinhambanine, Morrumbala etc.), da antroponímia (por exemplo, Mahazul, Santaca, Nengué-ua-Suna), a nomeação de diferentes línguas bantu faladas no território moçambicano (ronga, macua, changana, bitonga, entre outras), nomes da fauna (chango, impala, xipene, egocero, inhacoso) e ainda nomes de frutos (nhantsuma, mampsincha, mavúngua, manguavavas). Ao fazer uso desses nomes, o sujeito poético ressalta a singularidade de Moçambique no contexto global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, comecei por recordar o meu primeiro contato com a poesia de Craveirinha e as leituras interpretativas feitas no meu ensino secundário. Argumentei que essas leituras eram muito orientadas e, de certa forma, limitavam o nosso entendimento da riqueza da obra, no seu conjunto. Nesta sequência, e socorrendo-me de afirmações do escritor em diversas entrevistas, partilhei as minhas interpretações mais recentes de alguns poemas de **Xigubo**, escritos nos finais dos anos 1950, centrando-me em dois elementos: a raça e a nação. No que se refere à raça, concluí que, mais do que a exploração e a dor dos negros, Craveirinha grita a revolta de todos os homens explorados pelas elites dominantes. No que diz respeito à nação, concluí que, no conjunto da sua obra, glorifica a nação moçambicana, mas a apoteose de tal exaltação advém do confronto desta nação com o mundo global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRAVEIRINHA, J. **Xigubo**. 2.^a ed. Maputo: INLD, 1980.

CRAVEIRINHA, J. **Karingana ua karingana**. Maputo: INLD, 1982.

GOENHA, A. Definição de uma moçambicanidade literária. In: GOENHA, A. (org.). **Literatura moçambicana no ensino: aprendizagem do Português em Moçambique**. Maputo: Editora Educar, p. 33-54, 2021.

- NEVES, A. L. Entrevista a José Craveirinha: a minha pátria e a língua portuguesa. *In: Casa Velha revista cultural*. Maputo: Associação Cultural da Casa Velha, 1991a. p. 36-40.
- NEVES, A. L. Prémio Camões 91 – Um poeta do Índico. *In: Casa Velha revista cultural*. Maputo: Associação Cultural da Casa Velha, p. 33-34, 1991b.
- NOA, F. **Além do túnel**: ensaios e travessias. Maputo: Kapicua, 2020.
- MENDONÇA, F. **Literatura moçambicana**: a história e as escritas. Maputo: UEM, 1988.
- PRAÇA, A. Craveirinha, ponta de lança. *In: Casa Velha revista cultural*. Maputo: Associação Cultural da Casa Velha, p. 22-23, 1991.